

Sabão, espuma e alegria

No final dos anos 50, Barthes reuniu em *Mitologias* os textos que escreveu mensalmente para jornais nos anos anteriores. “Saponáceos e detergentes”, um dos textos da coletânea, tornou-se um clássico. Brincando de antropólogo, o autor fazia, através de propagandas de sabão, uma espécie de análise do simbolismo dos nativos da França. A diferença era que Barthes, também nativo, debruçava-se sobre seu próprio cotidiano, buscando revelar os modos simbólicos do combate entre o lado sujo do mundo e as forças capazes de fazer frente às ameaças desintegradoras que agiam no inconsciente ideológico de seus contemporâneos. Além de brilhantemente divertido, ele mostrava as possibilidades de uma crítica à cultura de massa que se ativesse à linguagem.

Transferia, com alto rendimento de crítica ideológica, os sofisticados recursos da semiótica ao domínio dos comerciais de detergentes, dos *fait divers* da imprensa diária, da literatura de banca de revista, das mitologias da sociedade em que vivia.

Truffaut dizia que um filme, quando chega à casa dos milhões de espectadores, deixa de ser uma fato estético para tornar-se um fato sociológico. Vira, por assim dizer, sabão. Mas será sempre possível brincarmos de mitólogos com detergentes e filmes? É evidente que há sempre o risco do abuso, e não faltam piadas que ridicularizam a arbitrariedade arrogante

de boa parte do que se apresenta como crítica.

“Há uma equação de forças subjacente a *O Quinto Elemento*. O confronto entre o Bem e o Mal é cósmico e cíclico: a cada 5 mil anos as forças do Gênese e do Apocalipse se enfrentam. O Mal, a Morte Absoluta, vem do espaço, é da natureza das coisas. Mas para que haja drama, o Bem precisa ser composto, reunindo os Quatro Elementos em torno do Quinto: o Homem. Ou melhor, a Mulher. Ou melhor ainda: a Mulher Perfeita. Ou, melhor que tudo, o Amor entre a Mulher Perfeita (que, literalmente, não é desse planeta) e um Homem Comum, como eu, como você, como... Bruce Willis! Moral geral da história: a Vida triunfa pela superação da Humanidade, pela transcendência amorosa do que somos rumo ao que podemos ser”.

Dá para engolir? Será que cabe “tanta metafísica” na ponte de comando, tipo Enterprise de segunda mão, onde a reencarnação de Obi-Wan num padre astrofísico apresenta para o presidente (vestido com a farda de gala da velha Federação, mas com pose de personagem ainda mais velho de *Flash Gordon*) essa “teoria” kitsch, tão prontamente aceita?

Se não dá, por que o desconforto? Seria porque essa interpretação reproduz o kitsch filosófico do filme, sendo ela mesmo kitsch? Quer dizer, se Barthes “desencava” das propagandas de sabão um modo de ver o mundo, sua interpretação é uma invenção/descoberta. O mesmo não acontece se reproduzirmos o nível do discurso do objeto na interpretação. Essências como “o Mal” e o “Quinto Elemento” são a matéria-prima do próprio filme.

Mas se fosse só isso, o filme seria apenas kitsch e caberia a quem deseje comentá-lo apenas tentar evidenciar o ridículo de sua pretensão. Mas ainda assim creio que continuaríamos colados ao mesmo nível de discurso do filme. Afinal, essa desautorização do kitsch já não é indicado pela excessiva facilidade (irônica?) com que a “teoria” do dublê de Obi-wan é aceita pelo presidente e pelo estilo “Enterprise de segunda mão” da ponte de comando?

O filme seria, então, despretenso, um filme de aventura e ação bem humorado, que ri das “grandes questões”? Certamente há algo disso em *O Quinto Elemento*. Mas nem todas as risadas que ele provoca vêm daí.

Não se ri apenas da metafísica meio boba que oferece os pólos do drama. Muito do humor vem das citações que são quase um delírio do filme: Enterprise, Galática, Duro de Matar,



filmes-catástrofes, filmes de guerra etc. etc. Mas nem bem “entramos na onda” de um dos estilos reciclados com os quais o filme é construído, e ele já é desautorizado: “Obi-wan” faz confissões para um barman cibernético, o general é preso no freezer, a mocinha Super-Mulher toma um banho forçado de “autoducha”, o arquivilão engasga e por aí vai.

E ainda no mesmo “caldo” entram as sofisticadas contribuições cenográficas de Moebius e os figurinos de Gautier.

O princípio geral do filme parece estar encarnado em Ruby. O filme tem que “pipocar”, ser “green”: esperto, ágil, veloz, melange. Talvez a cena emblemática seja aquela em que Ruby apresenta o teatro Floshton: “estamos aqui no mais lindo teatro do cosmos, uma réplica perfeita do teatro...do teatro...ah, quem se importa?”, pergunta ele diretamente para o espectador. A narração auto-comenta-se: é preciso manter o espectador permanentemente ocupado, num fluxo que esvazia os conteúdos de cada elemento.

Qualquer semelhança com profissões de fé pós-modernas não me parecem mera coincidência, mas uma estratégia narrativa e comercial.

Um filme de capital francês, de 90 milhões de dólares. Quer, e precisa, agradar os mais variados públicos e, ao mesmo tempo, pretende ser um comentário sobre a situação do cinema atual, de capitais, elencos e públicos internacionais, onde as tradições narrativas se equivalem. Ao mesmo tempo, o público ri da sucessão de desmascaramentos e embarca nos diferentes fragmentos cinematográficos que se sucedem.

Supersaturação de referências, estetização de todos os elementos; consequente esvaziamento de suas cargas representativas, com o destronamento de qualquer seriedade. São elementos semelhantes aos que Susan Sontag aponta na em “Notas sobre o camp”, texto de 1964, bem anterior às apologias pós-modernas. É fácil reconhecer nossa atitude frente à *O Quinto Elemento* na reação de Sontag à estética camp: simpatia por sua capacidade de distanciamento bem humorado e, ao mesmo tempo, temor pelo vácuo que resulta dessas estrepolias. No fundo, o incômodo frente à reivindicação de uma estética sem ética, que, sob a alegre aparência da deslegitimação da seriedade e solenidade, quer impor uma visão da arte como pura brincadeira.

Leandro Saraiva



O Quinto Elemento